



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

18079 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais -N

DOS CORPOS NEGROS NA UNIVERSIDADE: ENTRE TRAMAS E DRAMAS

Rosângela Souza da Silva - UFRB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

DOS CORPOS NEGROS NA UNIVERSIDADE: ENTRE TRAMAS E DRAMAS

1 INTRODUÇÃO

Criada em 2003, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) é produto do processo de democratização e interiorização do ensino superior no Brasil. A UFRB, possui sete Centros de ensino distribuídos entre o Recôncavo e o Vale do Jiquiriçá. O *lócus* da nossa pesquisa foi o Centro de Formação de Professores (CFP), instalado em 2006 no município de Amargosa/BA.

No contexto do CFP, buscamos compreender como as/os estudantes negras e negros do – CFP/UFRB, (des)constroem e dinamizam suas identidades negras, a partir dos seus corpos e e conhecer como os deslocamentos socioculturais, vivências acadêmicas e narrativas das(os) estudantes negras(os) subsidiam o processo de afirmação e de dinamização de suas identidades.

Os corpos são notabilizados como edificador da nossa existência e da relação com o mundo (Le Breton, 2007). Também, aos corpos são delegadas responsabilidades sociais, culturais, religiosas e tantas outras, que, ao responder às lógicas sociais hegemônicas e condicionantes, acaba vulnerabilizando-os e aprisionando-os a determinados padrões e comportamentos que os limitam. (Silva, 2024)

A pesquisa realizada foi de natureza qualitativa, um estudo de caso, cujas informações foram obtidas por meio de observações, entrevistas semiestruturadas, documentos do projeto de criação, estatuto e relatórios da UFRB. Fizemos também, nove entrevistas com estudantes negras/os de vários cursos de

licenciaturas do CFP. Para preservar suas identidades, utilizamos pseudônimos com nomes de intérpretes e/ou de compositoras/es da cena musical brasileira.

Para fins de análise das entrevistas, tomamos a análise de conteúdo como pressuposto teórico e analítico que se move na direção de esquadrihar os sentidos e significados produzidos pelos sujeitos. Tendo em vista que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas, que possibilita analisar os conteúdos de materiais de pesquisa de várias maneiras, nesse estudo desenvolvemos a análise temática, que busca descobrir os núcleos de sentidos que compõem a comunicação (Bardin, 2011).

Assim, realizamos algumas reflexões em torno da UFRB e as dinâmicas que compõem as instituições universitárias e nos debruçamos sobre as narrativas das estudantes Nara Couto, Larissa Luz e Flávio Renegado, problematizando suas vivências e percepções em relação seus corpos negros.

2 DESENVOLVIMENTO

As populações negras, desde o momento que foram arrancados à força do continente africano tiveram seus corpos violentados, suas psiques devastadas e suas cosmogonias perseguidas/achincalhadas. Homens e mulheres negras foram objetificadas, coexistindo várias tentativas de destituição das suas humanidades, deixando-as, à mercê de vilipêndios de toda ordem, por conta da sua condição racial.

Para Gonzalez (1984, p. 232):

As condições de existência material da comunidade negra remetem a condicionamentos psicológicos que têm que ser atacados e desmascarados. Os diferentes índices de dominação das diferentes formas de produção econômica existentes no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpretação da teoria do “lugar natural” de Aristóteles. Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados.

São denúncias apresentadas há 40 anos atrás, mas ainda persiste a segregação do ponto de vista de ocupação espacial, devido ao racismo, além de falta de políticas públicas robustas de combate às desigualdades raciais e a má distribuição de renda. Ainda segundo Gonzalez (1984), os dominadores, os brancos se refestelam em “moradias saudáveis”, na maioria das vezes, advindas de lucros obtidos às custas da exploração capitalistas e da opressão historicamente dirigidas aos dominados, neste caso, as populações negras. Além disso, a autora destaca os “condicionamentos psicológicos”, que nos impele a pensar que há “lugar natural” de precariedade e de degrado para pessoas negras, ao tempo que para pessoas brancas situações de vulnerabilidade não são naturais. Continua Gonzalez

(1984), persiste “a divisão racial de espaço”, como a ausência e ou pouca presença de pessoas negras ocupando postos qualificados no mercado de trabalho, a persistência do preterimento de mulheres negras no mercado afetivo entre outras situações de não reconhecimento e obstrução de direitos.

Para nós, por conta das situações acima mencionadas, as políticas afirmativas foram/são instrumentos fundamentais para debelar as desigualdades, pois, visam modificar estruturas educacionais racistas e excludentes, permitindo que sujeitos historicamente privados de direitos comecem a desfrutá-los (Gomes, 2011).

É no contexto de adoção das políticas afirmativas que nasce a UFRB, atravessando o Recôncavo e o Vale do Jiquiriçá, trazendo para aquele espaço, corpos, cheiros, estéticas, éticas, entre outras referências de ser e estar no mundo, que destoavam dos grupos que historicamente frequentavam o superior no Brasil, na Bahia.

Na UFRB, existe uma presença expressiva de negros, posto que, “[...] o levantamento de 2017 do Perfil dos Estudantes de Graduação da UFRB, nota-se que, do total dos estudantes da instituição, 83,4% se autodeclaram negros” (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2019). Um percentual que supera a “[...] região nordeste e norte no Brasil, de 62,27% e 47,57%, respectivamente, podendo-se concluir que, proporcionalmente, ingressam mais estudantes negros na UFRB do que numa análise regional ou nacional” (Lima *et al.*, 2017)

Tais presenças, além de compor os ambientes universitários, devem indagar e (re) desenhar esses espaços do ponto de vista educacional, político e epistemológico. Haja visto que, a universidade é um espaço em que podemos nos contrapor as “monoculturas do saber” (Santos, 2007); questionar a dita neutralidade na produção do conhecimento; notabilizar a pluralidade de vozes, histórias, comunalidades e linguagens, opondo-nos aos reducionismos, suplantando a colonialidade do *ser*, do *saber* e do *poder* (Mignolo, 2003; Quinjano, 2005; Walsh 2006). Assim, ao interrogarmos o currículo e a cultura universitária, o estar na universidade como discentes ou docentes negras e negros, requer que asseguremos pautas políticas de interesses das populações negras, indígenas, quilombolas (que são também, de toda a sociedade).

Nas instituições universitárias precisamos compor os fóruns consultivos e deliberativos, posto que, tais espaços, ainda estão imersos em lógicas racistas, impedindo a efetiva equalização de oportunidades para as populações negras, indígenas e grupos sociais subalternizados, que atualmente as frequentam.

Destarte, o movimento em curso não se trata apenas de disputas acadêmicas, estamos disputando um projeto de nação efetivamente incluyente,

que se opõe “aos mecanismos de dominação” (GONZALEZ, 1987), rompe com os epistemicídios e faz a defesa incontestada da condição ôntica e ontológica (Carneiro, 2005) dos sujeitos negros. Tais ações, possivelmente, garantirão que tais sujeitos expressem outras múltiplas formas de *pensar, compreender e sentir* os mundos.

2.1 Tramas e dramas que aludem aos corpos de estudantes negras e negros

As narrativas das/os estudantes e os diálogos realizados com pesquisadoras/es e teóricos que refletem sobre os corpos, indicam que eles estão/são atravessados pelos seus lugares de pertença, pelas suas subjetividades, pelas formas como os grupos humanos produzem suas existências no mundo.

Todavia, ter um corpo negro no mundo (Luna, 2017), é ter ciência que situações de violências, desmerecimentos, infortúnios, entre outras mazelas, infelizmente, o acompanha. Difundir na sociedade, a partir de várias linguagens, visualidades positivas das pessoas negras, logo dos seus corpos, se faz bastante importante, pois, os mecanismos/instrumentos que utilizamos para veicular imagens dessas pessoas, causam impactos negativos ou positivos nas suas identidades.

Destarte, em relação a presença dos corpos negros em lugares de conhecimento, como a universidade e o espaço escolar, conforme Gomes (2019, p. 268):

A presença de corpos negros em lugares do conhecimento, de forma horizontal e não hierarquizada como comumente é visto no Brasil em razão das desigualdades raciais, muda radicalmente o ambiente escolar e universitário. Não somente pela participação quantitativa, pela corporeidade, pelos diferentes níveis socioeconômicos, mas principalmente graças aos saberes, aos valores, às cosmovisões, às representações, às identidades que passam a fazer parte do campo do conhecimento. A presença negra de estudantes e docentes, destacando-se aqueles que possuem posicionamento, pensamento e postura indagadores e afirmativos no campo da produção do conhecimento, traz inflexões potentes. E são esses sujeitos que questionam os currículos e a cultura universitária. São aqueles que, muitas vezes apresentam, aos docentes e aos discentes, intelectuais negras e negros que também produzem conhecimento e refletem sobre o Brasil e o mundo. E cobram a sua presença afirmativa nos currículos e nas práticas acadêmicas.

Transitar em espaços cujas estruturas socialmente legitimadas, naturalizaram a ausência de homens e mulheres negras, não é uma tarefa fácil, nem confortável. A autora ao destacar o movimento que as corporeidades negras produzem nos ambientes escolar e universitário, indica também, a necessidade de posturas indagadoras e afirmativas, cujos desdobramentos são outros modos de ser e fazer universidade.

Esse movimento envolve saberes, valores, cosmovisões, representações e identidades. Tal dinâmica, além de incomodar, potencializa as existências e

representatividades em um universo branco, que não era predominantemente ocupado pelos grupos subalternizados.

Assim, quando perguntamos a estudantes Larissa Luz, o papel da universidade do ponto de vista fortalecimento e reconhecimento da sua pertença étnico-racial.

Com certeza, depois que eu ingressei no ambiente acadêmico eu me senti mais fortalecida. Porque quando você não tem tudo, como eu falei antes, formação, conhecimento você tem que ler, tem que ouvir as pessoas que já tem experiência [...]. Então, quando você tem contato com essas coisas, com leituras, vai conhecendo alguns autores e alguns professores que relatam através de livros, então você acaba ficando mais fortalecida para estar enfrentando essas questões diárias que não são poucas, mais sabe que isso vai surgir.

Uma jovem mulher negra, ao adentrar em um espaço totalmente afastado de uma realidade que não lhe era comum, precisa de formação, de conhecimentos, de leituras, entre outros processos formativos produzidos pela universidade. Um trabalho, para que a estudante se sinta fortalecida e a inclusão não se realize de forma deficitária. O ambiente acadêmico, como espaço para ser desfrutado pelas juventudes negras, em nenhuma hipótese, pode ficar indiferente às suas presenças. Uma vez que, são elas que produzirão conhecimentos, refletirão sobre o mundo (Gomes, 2019), ao tempo em que enfrentarão diariamente o racismo, tornando a universidade com seus ambientes plurais e inclusivos.

Nara Couto participante do estudo, relacionando a importância da universidade, no que tange a desconstrução de papéis fixados para as mulheres negras, afirma:

[...] a gente ver diariamente um discurso de que ah, a negra tem que saber sambar, ah a negra tem corpo de violão a negra isso, a negra aquilo, mas a gente percebe que não é só porque eu sou negra eu devo saber sambar, por exemplo. Então, a universidade veio me ajudando a reconstruir, a desconstruir essa visão que eu tinha, quer dizer não era nem uma visão que eu tinha e sim pelo discurso que eu ouvia, então eu não me apoderava desse discurso, mas ainda assim influenciava de certa forma. Então, a universidade me ajudou a desconstruir essas questões.

Cada enunciado, nos remete ao processo de objetificação do corpo da mulher negra, o violão, e o determinismo do que ela deve saber fazer, sambar. Muitas vezes, mexer o corpo, exibi-lo, são expressões que estão desconectadas com o próprio prazer da mulher. Pois, consideramos que a lógica machista vivenciadas pelas mulheres, assim como as práticas de sexualização exacerbada dos corpos negros, o discurso do “saber sambar”, não é apenas uma indicação do que a mulher negra deve saber/fazer, são visões reducionistas e racistas que compõem as estruturas da sociedade brasileira e difundem imagens do que é ser uma mulher negra. Refletimos tal situação, a partir do Collins (2000) denomina de imagens de controle, que retiram dos sujeitos a possibilidade de autodefinição, principalmente as mulheres.

O estudante Flávio Renegado, apresenta de forma catártica as tramas e dramas que aludem ao seu corpo negro.

Porque as pessoas não esperam nada de nós, as pessoas olham para gente e espera o fracasso, as pessoas olham e já sabem, não vai muito longe, um homem preto não vai muito longe, ainda mais nesse lugar, o que, que ele fez para estar aqui, com certeza deve ter média com alguém. Então, nosso corpo sente isso, e a gente se deprime, a gente faz uso de drogas, que infelizmente o alcoolismo é um dos principais vetores de destruição das comunidades negras, e esse corpo que é martirizado, e que curiosamente é desejado, não por ser belo, mas por ser objeto, então, ainda tem essa questão do assédio, que você tem que sofrer, olha que negro bonito, não é um homem bonito, é um negro bonito. Por que é raridade ver um negro bonito? Ou por que o negro não tem beleza? Ou o negro não é homem? Então, ainda se tem que conviver com isso, olha o seu corpo olha, você tem que ter padrão determinado de corpo, você tem que ser aceitável em algumas instâncias, então, essa relação, essa apresentação corporal no mundo é algo que nos faz chorar, é algo que nos faz rir, é algo que desafia constantemente.

Além da lucidez com qual se reporta para as suas vivências, o estudante exterioriza vários sentimentos na sua fala, tais quais, indignações, dores, indagações, ressentimentos e ilações que podem ser compreendidas por conta da sua condição racial.

Para nós, indica também, que o corpo negro está preso *acontinuum* de várias máculas, das quais os/as portadores não conseguem se livrar, posto que, são sociabilidades estruturadas em meio aos processos persecutórios. Parece-nos, que ser predestinado ao “fracasso”, “não vai mais longe”, “ser objeto”, como aponta Flávio Renegado, pode ser compreendido com estar preso ao “esquema epidérmico racial”, discutido por Fanon (2008, p. 105).

Além disso, para Nogueira (1998, p. 43), “[...] a rede de significações atribuiu ao corpo negro a significância daquilo que é indesejável, inaceitável, por contraste com o corpo branco, parâmetro da auto-representação dos indivíduos.” A rede de significações se retroalimenta de constructos sociais, políticos, acadêmico-científicos, estéticos, dentre outros, que moldam ideias/pensamentos de insignificâncias de várias ordens sobre homens e mulheres negras. Fazendo-nos considerar que, “olha um homem negro bonito”, não é um comentário ingênuo, está amalgamado ao processo histórico de consolidação do parâmetro de auto-representação dos indivíduos, os brancos. A branquitude, melhor dizer, a branquitude, como pacto não verbalizado preserva privilégios a grupo específico (Bento, 2022), ser padrão de beleza se configura como um dos privilégios. Assim, ideia de negro bonito como coisa rara, naturaliza que beleza, ou ser ou bela/belo é coisa de branco.

Para Silva (2024, p. 189): “[...] persiste a negação dos valores estéticos e a objetificação dos não brancos que ainda responsabilizam a(o) negra(o) de sua alienação na relação com seu corpo, cujo resultado é a falta de relação positiva com ele.” De todo modo, relações saudáveis não podem ser construídas a partir de

signos negativos, por conta disso “essa apresentação corporal no mundo é algo que nos faz chorar, é algo que nos faz rir, é algo que desafia constantemente”, como afirma Flávio Renegado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quantas alegrias e “desassossegos” (SANTIAGO, 2018) nos acompanham quando refletimos sobre as narrativas de estudantes, que se permitiram a compartilhar conosco as suas percepções/posições sobre a universidade e os corpos negros.

As narrativas pertinentes e emancipadoras das/os estudantes, apresentavam ciência dos desconfortos e infortúnios que se justapõem dentro dos jogos que perfazem os dramas e tramas dentro de uma instituição universitária, imersa em mundo racista e marcado por várias desigualdades.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise do conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENTO, C. *Pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, S. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FANON, F. *Peles negras máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, n. 2, ANPOCS, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso 07 mar. 2022.

LIMA, L. C. de. et al. A Universidade pública brasileira interventiva e inclusiva: um recorte regional no Recôncavo baiano. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL FOMERCO**, 16., 2017, Salvador. *Anais* [...]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017. Disponível em: <http://www.congresso2017.fomerco.com.br/resources/anais/8/1504115136>

NOGUEIRA, I. B. **Significações do Corpo Negro**. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SANTIAGO, A. R. Corpos negros femininos em poéticas de (re)existência. **Revista da ABPN**, Curitiba, v. 10, p. 829-853, jan. 2018. Edição especial: Caderno Temático: Letramentos de Reexistência. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/526>. Acesso em: 23 jun. 2019.

SANTOS, B. de S. O que é luta? O que é experiência. In: SANTOS, B. de S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 103-134.

SILVA, R. S. **Corpos negros e identidades na universidade**. Salvador: Edufba, 2024.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.